

**O CAMPO LEXICAL DOS ATRIBUTOS À JÚLIA FETAL
NA CANTATA “À MORTE DE D. JULIA FETAL” (SILVA, 1847)**

Victória Marina Pereira Moura Lima (UNEB)

victoriamouralettras@gmail.com

Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB)

celinabbade@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa, através do método exploratório e descritivo, tem como objetivo analisar o campo lexical dos atributos que remetem a Júlia Fetal na cantata “À morte de D. Júlia Fetal” (Silva, 1847), investigando a representação da mulher no século XIX e problematizando o primeiro feminicídio de repercussão que ocorreu em Salvador, Bahia, a partir de um caso documentado no jornal *O Mercantil* (edição 00201, MG), disponível no acervo *online* da Biblioteca Luso-Brasileira. Os objetivos específicos incluem: revisar a literatura sobre campos lexicais, identificar e examinar as lexias do manuscrito, mapear o léxico associado aos atributos da personagem e refletir sobre o lugar da mulher na sociedade patriarcal do século XIX. Sendo assim, para o desenvolvimento metodológico, a pesquisa usará pressupostos teóricos-metodológicos encontrados em Abbade (2003; 2009; 2011; 2015); Biderman (1998); Krieger (2015) e Ullman (1977) bem como os dicionários de Figueiredo (1913); Houaiss (2009) e Cunha (2007). Como conclusão, propõe-se uma discussão crítica sobre a violência de gênero na época, estabelecendo paralelos com questões contemporâneas, buscando refletir sobre a motivação das escolhas lexicais feitas para se referir a essa mulher vítima de feminicídio.

Palavras-chave:

Lexicologia. Campos Lexicais. Júlia Fetal.

ABSTRACT

This research, through an exploratory and descriptive approach, aims to analyze the lexical field of attributes associated with Júlia Fetal in the cantata *À morte de D. Júlia Fetal* (Silva, 1847). It investigates the representation of women in the 19th century and critically examines the first widely reported case of femicide in Salvador, Bahia, as documented in *O Mercantil* newspaper (issue 00201, MG), available in the online collection of the Biblioteca Luso-Brasileira. The specific objectives include: reviewing the literature on lexical fields, identifying and analyzing the lexias present in the manuscript, mapping the lexical items related to the character's attributes, and reflecting on the position of women in a 19th-century patriarchal society. The methodological framework is grounded in the theoretical and methodological assumptions of Abbade (2003; 2009; 2011; 2015), Biderman (1998), Krieger (2015), and Ullmann (1977), as well as the dictionaries by Figueiredo (1913), Houaiss (2009), and Cunha (2007). As a conclusion, the study proposes a critical discussion on gender-based violence during that period, drawing parallels with contemporary issues and reflecting on the motivations behind the lexical choices used to portray this woman, a victim of femicide.

Keywords:

Lexicology. Júlia Fetal. Lexical Fields.

1. Introdução

A presente pesquisa tem como tema o levantamento e estudo do campo lexical dos atributos em uma cantata do século XIX publicado no jornal *O Mercantil* (MG) da edição 00201 do ano de 1847, intitulada “À morte de D. Julia Fetal”. Buscou-se levantar os atributos para Júlia Clara Fetal, tida como a vítima do primeiro feminicídio documentado até então, realizado no território baiano. O assassinato foi atribuído a João Estanislau da Silva Lisboa, seu noivo e professor.

No final do século XX a expressão feminicídio passou a ser usada e popularizada e, no Brasil, desde 2015, o termo foi incorporado ao ordenamento jurídico como ementa⁵⁵ da Lei nº 13.104/2015⁵⁶, conhecida como a Lei do Feminicídio. Essa legislação alterou o Código Penal ao estabelecer o feminicídio como uma qualificadora do crime de homicídio, caracterizando-o como o assassinato de mulheres motivado por razões específicas relacionadas à condição de gênero, ou seja, a vítima de feminicídio foi vítima de homicídio por ser mulher. Com essa ementa, o feminicídio é incluído no rol de crimes hediondos, ou seja, crimes de extrema gravidade; inafiançáveis; insuscetíveis de graça ou anistia. Em 2024 a Lei nº 14.994/2024² alterou a tipificação penal do feminicídio e agora não é mais uma qualificadora, mas sim um crime autônomo definido no Art. 121-A do Código Penal.

Desde que há registros históricos sobre a existência de mulheres no mundo, há também relatos de abusos cometidos contra elas, e não foi diferente no ano de 1847, em Salvador, Bahia, quando a jovem Julia foi assassinada por seu então professor que acreditava que ela, a ele pertencia. Portanto, na ausência de mudanças significativas nesse cenário, as mulheres continuam sendo vítimas de feminicídio no Brasil, evidenciando a persistência de uma violência estrutural de gênero.

A cantata constitui-se como um gênero musical e literário que combina elementos poéticos e musicais em uma composição estruturada para ser

⁵⁵ Ementa: altera o art. 121 do decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - código penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos.

⁵⁶ Essa Lei altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), o Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais), a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal), a Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos), a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha) e o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), para tornar o feminicídio crime autônomo, agravar a sua pena e a de outros crimes praticados contra a mulher por razões da condição do sexo feminino, bem como para estabelecer outras medidas destinadas a prevenir e coibir a violência praticada contra a mulher.

cantada. Tradicionalmente, caracteriza-se por explorar dimensões psicológicas e narrativas e frequentemente a cantata é executada por um coro, podendo incluir solos vocais e acompanhamento instrumental.

Este trabalho possui como objetivo geral pesquisar o campo lexical dos atributos que remetem à Julia Fetal na cantata em estudo, datada de 1847, analisando a posição da mulher na época e questionando o feminicídio ocorrido no Brasil a partir da edição 00201 do jornal O Mercantil (MG), coletado no acervo *online* da Biblioteca Luso Brasileira. Como objetivos específicos, nos propomos a: revisar a literatura em campos lexicais, verificar as lexias do manuscrito selecionado, coletar e compreender o léxico que remeta aos atributos do feminino e analisar o lugar da mulher na sociedade patriarcal do século XIX.

O *corpus* deste trabalho é composto por uma cantata de oitenta e oito versos. Foram levantados dez atributos à Júlia Fetal, ou seja, suas características próprias, qualidades que a definem ou a qualificam. O campo lexical dos atributos encontrados no material de análise foi organizado com uma macroestrutura seguida de: lexia em caixa alta e maiúscula, abreviatura da classificação gramatical, etimologia (quando encontrada), conceito de acordo com o texto de base, embasado nos dicionários da língua portuguesa selecionados: Figueiredo (1913) e Houaiss (2009) para os conceitos; e Cunha (2007) para etimologia. Ao final, apresentamos o contexto retirado da cantata. Segue modelo da estrutura dos verbetes:

LEXIA. class. gr. Etimologia..... Conceito.....

Contexto contexto contexto

2. Contexto histórico

Em meados do século XIX, Salvador, capital baiana, era a cidade brasileira com o maior número de população escravizada, ou seja, cerca de 40% da população que correspondia a mais de 25 mil pessoas. Segundo Bacelar (2013), nesse período, cerca de 70 mil pessoas habitavam as ruas da capital baiana e tentavam sobreviver ao surto de varíola. A cidade de 298 anos à época, era dominada por senhores de engenho e comerciantes de algodão, enquanto grande parte da população urbana sobrevivia em cortiços.

O local do feminicídio foi na casa de Julia fetal, na atual Avenida Sete de Setembro, grande e importante trecho histórico, econômico e arquitetônico da capital baiana, construída em 1915. Em 1847, existia apenas a Rua do

Rosário, e, em frente à Praça da Piedade, um casarão em que vivia a família Fetal, conforme reprodução a seguir na figura 1:

Figura 1: Casa de Júlia Fetal na Rua do Rosário.



Fonte: <https://www.iguaimix.com/v3/2019/02/07/julia-fetal-o-feminicidio-na-avenida-sete-que-inspirou-a-novela-espelho-da-vida/>.

Com uma sociedade influenciada pela Igreja Católica e as normas da elite escravocrata que ditava as regras da época, a mulher, e aqui há o recorte para a mulher branca e privilegiada, ocupava um papel rigidamente definido pela moral patriarcal e seu destino era a maternidade e submissão, passada do pai para o marido.

As mulheres não podiam votar, coisa que só foi possível quase 100 anos depois, em 1932. Além disso, não podiam ocupar cargos públicos ou frequentar espaços públicos sem estarem acompanhada por homens. Tudo o que faziam eram aprender serviços domésticos e costurar, e, se fosse de família abastada, poderiam aprender as artes, como ler, apreciar músicas e, claro, se aprofundar no catecismo.

2.1. Cantata: Entendendo o gênero musical

No *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (Figueiredo, 1913), dicionário do início do século XX, o verbete “cantata” vem com a seguinte descrição:

CANTATA f. Antiga forma de poema lírico. Composição poética, posta em música. Opereta. * Pop. Lábria, palavreado astucioso. (It. cantata) (Figueiredo, 1913)

O mesmo verbete, no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss, 2009), dicionário do século XXI, vem com a seguinte descrição:

CANTATA: s.f. 1 MÚS gênero de composição vocal-instrumental, predominantemente religiosa, em vários movimentos 2 lit composição poética lírico-dramática de origem italiana, com partes recitadas e partes cantadas

(árias) 3 infirm.m.q CANTADA (conversa) c. coral MÚS tipo de cantata sacra que toma, como ponto de partida, um coral ('melodia') ETIM it cantata 'composição poética para ser cantada'. (Houaiss, 2009)

A palavra “cantata” vem da língua italiana, logo, no dicionário *on-line* mais atualizado do italiano, *Vocabulário Treccani* (Treccani, 2022) o verbete se apresenta da seguinte forma:

CANTATA sf [der. para cantar 2]. – 1. Canto prolongado, mesmo por várias pessoas juntas, por diversão: depois de beber faziam uma canção alegre. 2. Grande composição musical, sacra ou profana, de natureza lírica ou dramática, para vozes e instrumentos, variada em gênero e forma, nascida e difundida especialmente nos séculos XV e XVI. 17 e 18. (Treccani, 2022)

Composição musical do período barroco, a cantata é feita para uma ou mais vozes com acompanhamento de coro ou orquestra, é derivada do madrigal e da monodia acompanhada. O gênero musical cantata surgiu na Itália no século XVII, combinando texto poético com acompanhamento instrumental, variando entre narração do texto e melodia cantada.

A cantata foi cultivada pela população no Brasil Colônia em salões aristocráticos e igrejas. A sua temática era de grande maioria sobre amor, mitologia ou religião, mas claro, poderiam também serem feitas em homenagem a figuras importantes para a sociedade, como a cantata para a coroação de D. Pedro II, e claro, à morte de Julia Fetal.

2.2. Júlia Clara Fetal: Conhecendo a protagonista

Julia Clara Fetal, nasceu em 3 de fevereiro de 1827. Seus pais eram europeus: o pai, João Batista Fetal, português, comerciante e a mãe, Juliette Fetal, francesa. Além de Julia, o casal teve mais quatro filhos. A moça branca de cabelos pretos vivia a sua vida tranquilamente como tantas outras jovens soteropolitanas de família abastada.

De família privilegiada, a jovem Julia frequentava a escola e fazia aulas de piano, letras, religião, bordado, pintura e línguas como inglês e francês, além de frequentar a vida religiosa indo às missas do Convento dos Capuchinhos. Claro que, como todas as jovens da sua época, o seu futuro era apenas o de ser esposa. Ela sonhava com isso, até que, com 19 anos, ficou noiva do seu então professor de inglês, João Estanislau da Silva Lisboa.

João Estanislau era um jovem nascido na Índia, filho de comerciante português com uma mulher inglesa, formado em Letras e o primeiro aluno laureado pelo Liceu da Bahia.

Na época no noivado, em 1846, o pai de Julia, João Batista, já era falecido. Sendo assim, a benção desse casamento foi dada apenas pela sua

mãe. O mesmo já tinha acontecido ao pai do noivo. Assim, apenas a sua mãe, Mary Ann, aprovou e abençoou o casamento.

Nessa união, tudo parecia bem, quer dizer, é o que se acreditava. No entanto, parece que Julia, mesmo tendo aceitado o relacionamento, sentia em algum lugar no seu coração que não seria feliz de verdade ao lado de João Estanislau, um homem que não aceitava ser contrariado e já tinha histórico de brigas com colegas.

Dando voz ao patriarcado, Dórea (2006), afirma que Julia flertava com o seu vizinho estudante de Direito, Luiz Antônio Pereira Franco, e nem tinha mais olhos para o seu noivo. Segundo Jorge Amado, no livro *Bahia de Todos os Santos* (Amado, 1945), ela era uma jovem de coração inconstante, moça bonita que namorava a todos e que não tinha nascido para noiva nem para esposa, era apenas uma jovem namoradeira. Ou seja, quase 100 anos depois do crime brutal, Júlia foi retratada com preconceito e julgamentos.

Infelizmente, foi em meio a esse cenário e ambiente misóginos, que o primeiro feminicídio de repercussão foi registrado na Bahia. No dia 20 de abril de 1847, João Estanislau, enfurecido de ciúmes por já perceber o desprezo de sua noiva e investidas de outros jovens, supostamente fundiu a aliança de noivado e construiu uma bala de ouro. Portando uma pistola, adentrou o casarão da família Fetal, encontrou toda a família reunida à mesa e acertou a jovem Júlia com uma única bala em seu coração.

Juliette, mãe de Júlia, presenciou tudo, pediu socorro e a vizinhança toda ouviu, porém já era tarde demais para a jovem. João se envolveu em briga corporal com todos que tentaram o parar, até que conseguiram contê-lo e ele, finalmente foi preso.

Em abordagem policial, foi encontrado com João Estanislau três pistolas e um punhal. Ele tinha um objetivo claro, acabar com Júlia. E ele conseguiu. Porém, não imaginou que seu nome nunca seria esquecido. João Estanislau da Silva Lisboa confessou o crime com frieza. Amigos tentaram o defender, dizendo que foi um ato de insanidade e problemas de saúde foram alegados.

A real motivação por trás da grande repercussão do assassinato de Júlia Fetal nunca será sabida. É natural pensar que, com certeza, outras mulheres sofreram violências semelhantes do mesmo cunho misógino, na mesma época do crime que tirou a vida da jovem Júlia. Mas, por que será que o crime da bala de ouro se tornou emblemático? Não é possível saber, mas podemos teorizar: seria porque ambos os envolvidos, vítima e algoz, eram de famílias influentes? Seria por Júlia ser uma moça branca e rica? Seria pelo

local onde o crime aconteceu, visto que o bairro era composto por população nobre? Ou seria pela gravidade do crime e de suas consequências?

O caixão que levava o corpo de Júlia foi conduzido pelas ruas de Salvador por pelo menos vinte padres da região e uma multidão. Por fim, foi sepultada na Igreja Nossa Senhora da Graça e, atualmente, os seus restos mortais se encontram em uma urna perto do altar. Em seu túmulo, um lindo soneto escrito em sua homenagem por Adélia Josefina de Castro Fonseca, poetisa baiana e sua contemporânea, está gravado repleto de atributos à Julia Fetal que seguem grifados a seguir:

Estavas, **bella** Julia, descansada,
Na **flôr da juventude e formosura**,
Desfructando as caricias e ternura
Da mãe que por ti era idolatrada.
A dita de **por todos ser amada**
Gozavas, sem prever tu' **alma pura**,
Que, por mesquinho fado, á sepultura
Brevemente serias transportada!
Mas ah! de um insensato a dextra forte
Dispara sobre ti, Julia **querida**,
O fatal tiro, que te deu a morte!...
Dos olhos foi-te a luz amortecida,
E do rosto apagou-te iniqua sorte
A branca e viva cór co'a doce vida.⁵⁷

Mesmo com inúmeras tentativas por parte do autor do crime de escapar, a justiça foi feita. Em setembro do mesmo ano do crime, após mais de 24 horas de julgamento, João Estanislau da Silva Lisboa foi condenado por um júri de doze membros (com certeza outros homens brancos e influentes assim como o réu, pois só a esses era permitida essa função) a cumprir pena de 14 anos de prisão com trabalhos forçados no Forte de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Ele acabou cumprindo a sua pena no Forte do Barbalho, onde ministrou aulas aos filhos da elite de Salvador.

Oito anos depois, foi concedido a ele um indulto, intercedido por Dom Pedro II, pela prestação de assistência aos doentes durante a epidemia de 1855, o qual ele recusou por não se julgar merecedor de perdão. Em 1859, ele foi oficialmente solto e voltou a dar aulas se integrando naturalmente a sociedade. Entre 1863 a 1877, João Estanislau foi diretor do Liceu São João e morreu em 1878, trinta anos após o crime, com cerca de 50 e poucos anos, em Lisboa, Portugal, sepultado no Cemitério dos Prazeres tendo uma missa celebrada em sua memória na Capela do Colégio Ateneu Bahiano.

⁵⁷ A' LAMENTAVEL MORTE DE D. JULIA FETAL. In: Fonseca, Adelia. Echos da minh'alma. Typ. de Camillo de Lellis Masson & C., Bahia, 1866. p. 7.

O homicida confesso viveu bem até a sua velhice, coisa que Júlia Clara Fetal, nem sonhou em poder viver. Ele cumpriu a sua pena até o fim, mas visto às leis da época que permitiam o condenar à pena de morte, sua condenação por apenas 14 anos de reclusão foi vista pela população como quase uma absolvição. Nos moldes de hoje, nos choca ver um criminoso cumprir toda a sua pena sem benefícios de progressão de pena, no entanto, na época, as leis eram mais rígidas. Mas ele tinha privilégios de trabalhar e receber visitas livremente, logo, o que João Estanislau recebeu não foi uma punição efetiva.

2.3. Júlia Fetal na Literatura

O assassinato de Júlia Fetal nunca foi esquecido. No bairro de Nazaré, em Salvador, existe a rua Júlia Fetal, homenagem ao primeiro feminicídio divulgado na cidade. O seu túmulo, está aberto para visitas e recebe visitas até os dias de hoje na Igreja de Nossa Senhora da Graça. A sua casa, localizada na antiga Rua do Rosário e atual Av. Sete de Setembro, onde todo o crime aconteceu, também teria visitas se possível fosse, mas infelizmente, pouco tempo depois do crime, pegou fogo. Após reformas, a casa foi adquirida pela família do poeta Castro Alves, em 1852, onde o poeta viveu na infância. No século XX, o prédio foi derrubado e o local deu espaço as novas formas urbanas da contemporaneidade.

No Museu do Traje e do Têxtil do Instituto Feminino da Bahia, é possível encontrar um singelo tufo de cabelo de Júlia. Por alguns anos, o projétil usado em Júlia que diziam ser de ouro da aliança de noivado foi exposto no Instituto Feminino da Bahia. Muitas pessoas que o conseguiram ver alegaram que a bala não era de ouro, e sim de chumbo como qualquer outra, fazendo-nos refletir sobre a mística criada em torno da bala de ouro e seu significado.

Além da cantata estudada no presente trabalho, outras obras literárias citam Júlia Fetal. Em 1947, um século após o crime, o professor, político e historiador, Pedro Calmon, membro da Academia Brasileira de Letras, publicou o livro “A Bala de Ouro: História de um Crime Romântico” onde relatou em forma de romance o crime cometido em 1847 à jovem Júlia. O subtítulo escolhido por ele já nos aponta muitos pensamentos conservadores e machistas da época que são confirmados ao fato da obra dar destaque, sobretudo, ao assassino João Estanislau da Silva Lisboa.

Em 2019, a novela “Espelho da Vida” foi ao ar na Rede Globo, inspirada no assassinato de Júlia Fetal. A autora da novela, Elizabeth Jhin, confirmou que usou a história como inspiração para a trama da sua personagem,

também chamada Júlia, que na telenovela também foi assassinada pelo noivo com uma bala de ouro.

Desde então, não há registros públicos em que Júlia Fetal e o crime bárbaro que a vitimou, popularmente conhecido como “o crime da bala de ouro”, tenham sido abordados na literatura, embora o caso ainda seja frequentemente discutido entre estudiosos de crimes emblemáticos no Brasil e estudiosos interessados pelas histórias do Brasil Império.

3. *Léxico, cultura e sociedade*

A presente seção do trabalho tem como objetivo discutir o léxico em sua relação com a cultura e sociedade, compreendendo a língua não apenas como um conjunto de códigos, e sim como um espaço de significação influenciado por fatores históricos, sociais e ideológicos, pois o léxico reflete sobre as diferentes formas de perceber, organizar, usar e ver a língua. Para que essa discussão seja possível, é necessário usar os aportes teóricos de autores como Abbade (2003; 2009; 2011; 2015); Biderman (1998); Krieger (2015) e Ullman (1977), cujos os trabalhos são essências para o estudo e entendimento sobre o conceito de léxico, lexicologia, lexicografia, lexemática e terminologia. Apenas com o entendimento e discussão desses conceitos base é possível compreender o levantamento do campo lexical dos atributos e análise lexical proposta e executada nesse trabalho que está inserido nos estudos em lexemática.

Abbate (2012) afirma:

A língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é formada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais etc. de quem a profere. Sabemos de onde é uma pessoa no momento em que ela fala, pois cada povo tem sua língua e sua história. (Abbate (2012, p. 141)

Sendo assim, entende-se que não há nada mais forte e significativo para entender uma comunidade, geração e sociedade por inteiro do que através da sua língua. É através das escolhas linguísticas que podemos retirar informações sobre a idade, classe social, nível de escolaridade, ou até mesmo em que época aquilo foi dito ou escrito, em que momento aquela ideia foi perpetuada, pois, a língua é viva e está passando por constante mudança e adaptações. Através da necessidade de entender isso, o léxico se constituiu, pois, como Biderman (1998 p. 20) traz, “todo conhecimento do universo é transferido para o léxico”.

Os estudos lexicais em uma língua abrem diversas possibilidades de se conhecer a história sociocultural do povo que a utiliza. Cada palavra tem o seu sig-

nificado próprio de acordo com a época, o grupo social, a região em que a mesma é utilizada. (Abbade, 2015 p. 73)

Dentro dos estudos do léxico, a lexicologia estuda as relações internas e externas do léxico. Podemos entender o conceito de lexicologia através de Abbade (2012, p. 142), “a lexicologia enquanto ciência do léxico estuda as suas diversas relações com os outros sistemas de língua e, sobretudo, as relações internas do próprio léxico.” Na lexicologia se busca analisar as palavras e a sua estrutura lexical.

Outro ramo dos estudos lexicais é a lexicografia, que, segundo Biderman (1998, p. 17), “é a ciência dos dicionários.”

A terminologia estuda a relação entre a linguagem e o conhecimento, vendo uma ligação direta entre o conceito e a palavra que o representa. Diferentemente da lexicografia, que parte do termo para o conceito, a terminologia estuda do conceito ao termo. Podemos entender melhor o conceito e do que se trata o estudo terminológico através de Biderman (1998), que afirma:

A terminologia se ocupa de um subconjunto de léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano. Esse subconjunto lexical se constitui seu objeto, insere-se no universo referencial, assim, a terminologia pressupõe uma teoria de referência, ou seja, uma correlação entre a estrutura geral do conhecimento e o código linguístico correspondente. Especificando melhor: a Terminologia deve estabelecer uma relação entre a estrutura conceptual e a estrutura dessa língua. (Biderman (1998, p. 19)

A lexemática, base teórica dessa pesquisa, conforme explica Abbade (2012), não se ocupa da significação discursiva ou nos contextos comunicativos, mas concentra-se exclusivamente na análise do valor semântico das palavras dentro do sistema da língua, isto é, nas relações que elas estabelecem com outras palavras no plano lexical. Sendo assim, ao estudar a significação do léxico, se estabelece estruturas paradigmáticas com significações que se entrecruzam, criando um sistema de oposições entre as lexias, analisando o significado da lexia dentro de apenas um plano linguístico particular.

Segundo Abbade (2015, p. 77), “os campos lexicais representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o campo léxico.” Isto é, para organizar um campo lexical, é necessário compreender a estrutura das palavras, suas relações internas e contexto, só assim se faz possível compreender o sentido e a função que as unidades lexicais desempenham dentro do universo analisado.

Com base nos aportes teóricos discutidos ao longo dessa seção, foi possível realizar a análise de dez lexias organizadas no campo lexical dos

atributos analisando o significado da lexia dentro do seu contexto específico. A partir disso, a escolha lexical foi relacionada ao modo como a vítima, Júlia Fetal, foi representada, o que evidenciou que o léxico não opera isoladamente, mas carrega em si marcas ideológicas, culturais e históricas.

4. Edição da Cantata

A cantata “À Morte de Julia Fetal” de José Vieira Rodrigues de Carvalho Silva foi publicada no ano do crime no jornal *O Mercantil*, p. 3, edição 00201 e não há registros da sua execução. A seguir, apresentamos a versão fac-similar encontrada no referido jornal e, logo após, a edição paleográfica elaborada pela autora do presente trabalho para facilitar a pesquisa.

Figura 2: Edição Facsimilar.



Fonte: *O Mercantil*.

Edição Paleográfica:

À MORTE DE D. JÚLIA FETAL. (1)

CANTATA.

E a donzella tão linda, que vivia
Centrada no amor
Entre os braços do mal provou bem cedo
Da morte e o dissabor.

G. Dias.

Quem pode contrastar do fado as iras,
Ou casar-lhe os decretos?! Ah! Quem pode
Da vida no broquel embotar gumes
Das setas, que serteiro á nós despara
O braço firme, que nos talha a sorte?!..
 Phebo tinha declinado,
 Da ao occaso correndo,
 Tremulo, pallido o rosto,
 Como o futuro prevendo
 D'algum caso desastroso!

Qual a rosa em botão, que entre açucenas
 Vive risonho, e fragrante
 A' que zéfiros fagueiros
 Desejão ter por amante;

Belleza inteira do vistoso prado,
Filha do céos, no mundo peregrina,
Prêmios de distincção á quem colhesse:
 Assim era a linda julia!
 Como aurora tão formosa,
 Tão meiga e cheia d'encantos,
 Quantos encantos per pôde
 Formosura primorosa!

Os preceitos do pai, da mãe o esmero
Unira aos da figura os dotes d'alma
E candura, sem par, nella inspirara!
 Ao pe da mãe extremosa
 Qual inocente relinha,
 Que do ninho não vôara,
 Vida vivia gostosa.

Arde no peito do cruento amante
Vingança monstro, que o repudio atia!
Ei-lo que traça na escaldada mente
Meio não visto, que lh'os ódios farte.

Não o torva a beleza, a mão não treme,
O opróbrio não lhe pinta em negras côres
O medonho futuro! Tudo esvae-se!

Belleza! Amor! Virtude! É sombra, é nada!...

Ante o rabido peito a inferno, as fúrias,
Eis as imagens so, que o alegrarão
E d'um sorriso os labios lhe tingiã!!...

Quem falsára o braço erguido
Desse vingativo amante
Até que o sol o semblante
Tenha no acaso sumido!
Póde ser que arrependido
Deixasse a bela gozar
A vida, que por ciúmes
Inda em flôr veio cortar....

No seto da família, ei-la tranquilla,
Entre o prazer de não deserta meza,
Futuros não prevê, n'alma não sente
Esse dos malles pressagioso aviso...

Assim estavas, ó bella!
Qual o tenrilho cordeiro
A' quem a rósea capella
Faz que contente caminhe
Para o termo derradeiro,

Súbito vês subir iroso, e armado
Teu sacrificador de horrendo aspecto....

Em todos lavra o receio,
A mãi te serve d'amparo,
Mas a balla vara o seio
Da filha, o penhor mais caro!...

Não eras só a victima buscada,...
Rindo-se o monstro, d'olhos chamejantes,
Quer seu fero rancor fatar de sangue,

Socorro da Providencia!
Onde te vás, desgraçado??
Não conheces que a vingança
A' meta já tem chegado?!..
De exercitar mais horrores
Foi o monstro desarmado.

Qual o níveo jasmin colhido á tarde,
Tendo o ar de dôr enchido,
Ainda que amante o guarde,
Cahe do talo enfraquecido;
Jaz ali branca donzella
Banhada no próprio sangue
Alegre via-se o amante
A olhar seu corpo exangue!
De tal scena horrorizados
Tremem da sala os umbrais,
Da triste mãi os lamentos

Apavorão os mortaes!!..
Neste horror, o ímpio, o verdugo,
Depois de maneado,
Inda co'inferno no peito
Exclamava, estou vingado!!..

Côrte, 12 de junho de 1847

Por José Vieira Rodrigues de Carvalho Silva.

5. O Campo Lexical dos Atributos na Cantata à Júlia Fetal

LINDA s.f. Origem incerta, talvez do lat. *limpidus* 'claro' ou do lat. *legitimus* 'legítimo'. Pessoa bela, bonita, elegante, que apresenta beleza singela, delicada e primorosa.

*Assim era a **linda** Júlia!
Como aurora tão formosa,*

BELLA s.f. Do lat. *bellus* 'bonito, encantador'. Mulher bonita, bela, muito linda.

*Futuros não prevê, n'alma não sente
Esse dos malles pressagioso aviso...
Assim estavas, ó **bella**!*

BELEZZA INTEIRA exp. Provavelmente do ant. prov. *beleza* ou do it. *belléza*, deriv do lat vulg. *bellitia*. 'beleza'. Pessoa agradável, bela, admirável + lat. *integrare* 'inteirar' ou lat. *integer* 'inteiro'. Completo, sem diminuição.

***Belleza inteira** do vistoso prado,
Filha do céos, no mundo peregrina,
Prêmios de distincção á quem colhesse:*

FORMOSA adj. Do lat, *formosus* 'belo'. Aquele de aparência bela, agradável, harmoniosa, perfeito e puro.

*Assim era a linda Júlia!
Como aurora tão **formosa**,*

FORMOSURA PRIMOROSA exp. De formosa, adj. do lat. *formosus* 'belo'. Qualidade de quem é formoso, belo, uma pessoa bonita + lat. *primum* 'primeiro' que originou primor 'o primeiro ou o melhor'. Alguém que é encantadora, distinta, caprichada, que faz tudo com primor, perfeito.

*Quantos encantos per póde
Formosura primorosa!*

CHEIA D'ENCANTOS exp. Forma feminina do adj 'cheio' e este do lat. *plenus* 'pleno, cheio'. Grande quantidade, completo + lat. de. 'de' complemento de um adj. deverbial. + lat *incantare* 'encanto'. Pessoa agradável, com boas qualidades.

*Assim era a linda Julia!
Como aurora tão formosa,
Tão meiga e cheia d'encantos,
Quantos encantos per póde*

MEIGA adj. Do lat *magus*, deriv. do gr. *mágos*. Pessoa amável, carinhosa, bondosa, gentil.

*Assim era a linda Julia!
Como aurora tão formosa,
Tão meiga e cheia d'encantos,
Quantos encantos per póde*

CANDURA s.f. Do lat. *candidus*. De cândido 'alvo, branco' + -ura. Qualidade de pessoa simples, pura.

*Os preceitos do pai, da mãe o esmero
Unira aos da figura os dotes d'alma
E candura, sem par, nella inspirara!*

TRANQUILLA adj. Do lat. *tranquillus* 'calmo, pacífica'. Quem tem paz, sossego, calmo, despreocupado.

*No seto da família, ei-la tranquilla,
Entre o prazer de não deserta meza,
Futuros não prevê, n'alma não sente
Esse dos malles pressagioso aviso...*

BRANCA DONZELLA s.c. Do germ. *blanck* 'branco' Da cor da neve ou do leite, pálido, cor branca. + prov. *donzela*, do lat. tardio *dominicella*, dim. de *domina* 'senhora'. Mulher solteira e virginal.

*Jaz ali branca donzella
Banhada no próprio sangue*

6. Conclusão

Escrever a conclusão desse trabalho não significa encerrar a discussão desse tema. Ao longo da produção, a frustração esteve sempre presente. Por se tratar de um caso ocorrido no século XIX, as informações nem sempre veem acompanhadas de uma referência confiável ou explícita. Além disso, houve a frustração por enfrentarmos dificuldades e não encontrarmos informações importantes e enriquecedoras para a análise. Por exemplo, o objeto do presente trabalho foi a cantata de José Vieira Rodrigues de Carvalho Silva, porém, não há dados sobre quem é ele. Também não foi possível saber se ele era alguém da família de Júlia, se ele a conhecia pessoalmente ou se a

produção dessa cantata em sua homenagem foi por solicitação de alguém que a estimava. Infelizmente, não há registros sobre José Vieira Rodrigues de Carvalho Silva nas fontes que tivemos à disposição na pesquisa, o que tornou impossível responder um dos principais questionamentos: qual a motivação para a escolha das lexias.

Foi possível analisar que, felizmente, diferente de autores que escreveram sobre Júlia Fetal e o crime da bala de ouro posteriormente, Silva escolheu retratar Júlia de forma genuína através das suas escolhas lexicais, a descrevendo como uma moça cheia de qualidades, honras e respeito, desde o título de “D. Júlia Fetal” onde se é possível ver a abreviatura por suspensão da palavra “dona” que demonstra respeito pela figura feminina.

Lamentavelmente, Júlia Fetal foi revitimizada por Pedro Calmon e Jorge Amado, que ao longo de suas obras, questionaram constantemente a índole da vítima, a culpabilizando, a expondo e, claro, desacreditando-a em detrimento do valor moral atribuído a João Estanislau, o assassino confesso.

Além disso, sobre a história de Salvador, também não tivemos tempo hábil para ampliar a pesquisa sobre a história da cidade e sociedade da época, algo importante a se explorar. Também não tivemos acesso aos documentos originais referentes ao crime: registros policiais, depoimentos de pessoas da época. Segundo as fontes de pesquisa, tudo se foi perdido e não se há notícias de descendentes vivos da família Fetal.

Em síntese, este trabalho permitiu confirmar que os estudos lexicais não se esgotam, especialmente ao que diz respeito a representação da figura feminina, sobretudo sendo ela vítima de um crime brutal cometido por um homem, motivado pela condição do gênero da mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADÉ, C.M.S. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. in. ISQUERDO, A.N; SEABRA, M.C T. C. de (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VI. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012.

_____. *Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval – O livro de cozinha da infanta D. Maria*. Salvador: Quarteto, 2009.

_____. A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais. In: *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

_____. *A Teoria dos Campos Lexicais*. In: Saberes Lexicais – mundos, mentes e usos. EDUFBA. Salvador, 2015.

_____. *Campos lexicais no Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*. Tese (Doutoramento) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003.

AMADO, J. *Bahia de todos-os-santos: guia de ruas e mistérios*. [S.l.]: Companhia das Letras, 2012.

BACELAR, J. Salvador no Século 19: História e Iconografia. In: *CIDADE DO SALVADOR*, Guia Geográfico. [S.l.], 2013. Disponível em: <http://www.cidade-salvador.com/seculo-19.htm#:~:text=A%20Cidade%20era%20a%20maior,maior%20cidade%20dos%20Estados%20Unidos> Acesso em: 8 maio 2025.

BIRDEMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A.M.P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2 ed. Campo Grande-MS: UFMS, 2001 [1998]. p. 11-20

CALMON, P. *A Bala de Ouro: História de um Crime Romântico*. 2. ed. [S.l.]: Academia de Letras da Bahia, 1947.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Assistentes Cláudio Mello Sobrinho et al. 3. ed. 2. imp. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.

DOREA, L. E. *Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas*. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 173-74

EDIÇÃO 00201. *O Mercantil (MG)*, [S.l.], p. 3, 20 jul. 1847. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=228133&pesq=ju%20fetal&pagfis=4205>. Acesso em: 6 set. 2024.

FIGUEIREDO, C. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. [S.l.: s.n.], 1913.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KRIEGER, M. G. *O léxico com letra maiúscula: reflexo do trabalho de Maria Tereza Biderman*. Debate Terminológico, [S.l.], n. 14, p. 89-91, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/63299>. Acesso em: 8 abr. 2025.

TRECCANI, G. *Vocabulário Treccani*. Disponível em: <https://www.treccani.it/>. Acesso em: 20 maio 2025.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1977.